

Formando uma Visão de Mundo

John M. Fowler

Todos nós possuímos uma mundivisão, quer o reconheçamos, quer não. Quando os patriarcas fundadores da América do Norte declararam que “todos os homens são criados iguais”, expressaram as bases para a visão de mundo que governou o sonho americano e inspirou muitas pessoas nos últimos 200 anos. Quando Ghandi anunciou que o direito moral da alma humana em ser livre, pode ser assegurada mediante não-violência e desobediência civil, estabelecia ele uma visão de mundo em que a liberdade e a dignidade fixavam os parâmetros da vida. Um mendigo de Bombaim vê numa tijela de arroz o reflexo do céu; um especulador de Wall Street considera que o mundo é injusto, pois no final de um dia de atividade ele não conseguiu açambarcar tudo aquilo que pretendia. Cada ser humano tem seu mundo, cada um olha-o de uma determinada maneira particular.

O que é Visão de Mundo?

O que, em termos exatos, é uma visão de mundo?

Em primeiro lugar, a visão de mundo provê um ponto de partida. Tudo aquilo que é feito significativamente, deve ter um ponto de partida. Quando uma pessoa afirma “Creio”, “Estou comprometido com”, “Espero que” ou “Prevejo que”, ela está descrevendo seu ponto de partida. Uma vez que isso esteja claro, o destino e o rumo tomam forma, e o mundo da pessoa em questão começa a modelar-se.

Em segundo lugar, a visão de mundo responde as questões básicas da vida. Tal como a filosofia, a visão de mundo deve formular questões e oferecer respostas que lidam com assuntos da realidade, da verdade, da ética e da história.

A realidade faz surgir em questões de natureza última. Deus é real? A humanidade é real? Porventura a árvore ou a esquina constituem parte da realidade? Ou existe algo que transcende árvores e seres humanos, e que constitui a realidade? O que seria este princípio transcendente — Deus, a idéia, ou simplesmente o ser? Estas questões são concernentes à mundivisão.

A segunda área de interesse para a visão de mundo é a questão epistemológica. De que modo chegamos a conhecer algo? Como sabemos se algo é verdadeiro ou não? Aquilo que é verdadeiro, sempre o é? Quais são as condições e limitações do conhecimento? São os seres humanos, sozinhos, responsáveis pela criação, verificação e certificação da verdade? Será que a verdade varia de pessoa para pessoa, de situação para situação, assim como no tempo? É a verdade relativa ou absoluta, objetiva ou subjetiva, relacionada com a experiência ou dela independente?

A terceira área de interesse na mundivisão é a questão da axiologia, o que tem a ver com a ética e a estética. A ética diz respeito à questão daquilo que é bom. De que modo definimos se uma conduta é adequada ou não? Porventura existe uma norma para a conduta humana? Onde se encontra a sede desta norma — dentro ou fora da humanidade? Esta norma é relativa ou absoluta? Qual é a fonte da norma — tradição, regras sociais, a prática atual, a situação, a religião, a autoridade?

Adicionalmente a tais questões éticas, a visão de mundo também deve responder à questão da estética. O que é a beleza? A beleza realmente se sedia nos olhos do observador? Ou estaria no objeto em si? O que torna desejável uma peça de arte — suas cores

magníficas, sua mensagem social, seu convite à reflexão íntima, sua projeção de um ideal supremo ou de uma pessoa? De que modo deve a beleza ser relacionada com uma ecologia responsável? De que modo alguém se relaciona com a rosa e o espinho, a palmeira e o deserto, o leão e o cordeiro, a tempestade e a calma, a beleza e a feiúra, dentro do conceito de uma visão unificada de mundo?

Em terceiro lugar, a visão de mundo também provê significado e propósito para a existência humana ao longo da história. A mundivisão não deve satisfazer-se em responder questões da realidade, conhecimento e ética. Deve pesquisar a questão da origem, natureza e destino da raça humana ao longo das contingências históricas e existenciais da vida. Quem sou? De onde vim? O que estou fazendo? Para onde me dirijo? De que modo me relaciono com outras pessoas que me estão à volta? Existe algo de errado comigo? O que é a morte, e o que ocorre depois dela? O que era eu antes de aparecer no mundo? Porventura sempre estarei por aí? Sou algum acidente da história? Será a história apenas um amontoado de eventos aleatórios? Ou apresenta ela algum propósito? O modo como alguém responde estas questões dentro da estrutura da visão de mundo pela qual optou, tanto pode condenar a pessoa a sentir-se uma desajudada criatura resultante de forças históricas, quanto levá-la a ver-se dirigindo estas forças, com a capacidade de locomover-se rumo a um destino teleológico.

Limitações da Visão de Mundo

A própria natureza dos seres humanos e as razões pelas quais uma pessoa constrói sua visão de mundo — isto é, para prover uni-

dade de pensamento e ação — deveriam advertir quanto às ilusões da suposta infalibilidade. Este fato, por si só, convida a uma atitude de humildade e sinceridade. A humildade é um pré-requisito necessário a qualquer esforço humano. Ela é tanto mais necessária numa tarefa de tão grande alcance quanto a construção de uma visão de mundo. Mas a humildade não é sinônimo de ceticismo; é antes uma atitude mental, a percepção de que a tarefa que estamos tentando é maior que nós próprios, e de que não somos capazes de entender todas as questões ou transpor todos os obstáculos deste nosso mundo complicado.

Além disso, a consciência compartilhada e o significado mútuo inerente a uma visão de mundo, constituem uma advertência contra a rigidez do zelo excessivo. Compreensão da realidade e a avenida da verdade possuem tanto um elemento de chegada quanto de partida, ambos próximos e ao mesmo tempo distantes, ambos compreensíveis e também misteriosos. Uma sincera atitude de abertura mental, portanto, é essencial para a montagem e defesa de uma visão de mundo.

Construindo a Mundivisão

A visão de mundo é governada pelo postulado básico ou crença fundamental que a pessoa decide adotar. Esta crença fundamental pode variar com cada visão de mundo possível. A correção ou erro inerente da abordagem são revelados pela fidelidade, coerência e unidade com os quais o sistema da mundivisão é edificado em relação com as suas pressuposições básicas. A medida que suas pressuposições não sejam adequadamente definidas e levadas a sério, a visão de mundo pode ser eivada de defeitos e indigna de confiança, e pode apresentar sinais de possível "rachadura". Toda afirmação feita, cada argumento apresentado, todo postulado exposto e toda conclusão alcançada devem refletir a intenção e propósito da verdade básica fundamental. Como exemplo do que estamos querendo dizer,

consideraremos o idealismo, exposto por Platão.

O ponto de partida básico de Platão é a Mente Universal. Sua visão de mundo é construída de puras idéias. Platão diria que tudo aquilo que vivemos na experiência é apenas uma expressão limitada de uma idéia subjacente. Portanto, a idéia de um "projeto de árvore" é real, ao passo que a árvore é apenas uma sombra do real; a idéia da "humanidade" é real, sendo que os seres humanos representam apenas um reflexo da idéia. Por detrás de todas estas idéias deve existir uma Idéia Infinita, Absoluta. Esta Mente Universal, diz Platão, é o que constitui a realidade.

Uma vez que esta crença básica foi exposta, Platão constrói sua visão da vida, onde cada parte de algum modo se relaciona com o mundo da mente pura. Portanto, a epistemologia de Platão se conduz como se a verdade pudesse ser alcançada apenas pela mente. A percepção dos sentidos, a experiência e a utilidade são todas secundárias, e a verdade existe, não por causa delas, mas a despeito delas.

Da mesma forma, a ética idealística é o reflexo do Ideal Absoluto. Valores e ética são absolutos. O bem, a verdade e a beleza não variam de uma era para a outra. Eles não são construídos pelo homem, antes fazem parte da natureza comum do Universo. Por outro lado, o mal é visto pelo idealista como sendo o bem incompleto, sendo resultado da desorganização e ausência de sistematização ainda presentes no Universo.

Assim, a idéia torna-se a pedra angular da visão idealista do mundo. Esta visão do mundo e da vida é governada pela preeminência e compulsões da mente.

Alguma outra pessoa, que não Platão, poderia olhar o mundo através dos "olhos" desta visão idealista, e chegar à conclusão de que não pode aceitá-la. Pode mesmo questionar seriamente as conclusões. A tais objeções, sejam elas verdadeiras ou não, o idealista responderia que sua construção deve ser julgada unicamente pelas pressuposições e pro-

posições a partir das quais se fundamentou. Efetivamente, tais pressuposições são os seus artigos de fé; outra pessoa é livre para aceitar ou rejeitar tais crenças. É por causa deste enraizamento sobre crenças que os teoristas da mundivisão, tais como Walsh e Middleton argumentam que uma base religiosa e uma estrutura de fé podem ser captadas em todas as mundivisões possíveis:

Fé é uma porção essencial da vida humana. Os seres humanos são criaturas confessionais, crentes e confiantes. E o lugar em que fazemos repousar nossa fé determina a visão de mundo que adotaremos. Em outras palavras, nosso compromisso de fé aceito em termos últimos, desenha os contornos de nossa visão de mundo. As pessoas que duvidam de sua mundivisão apresentam-se inquietas e sentem-se como se não houvesse solo firme sob seus pés. Muitas vezes experimentam as agonias de uma crise psicológica. Mas esta crise emocional é fundamentalmente religiosa, uma vez que nossa visão de mundo repousa sobre um compromisso de fé.¹

Portanto, o nosso idealista encontra certeza em seu compromisso de fé; a partir desta certeza, encontra terreno sobre o qual firmar-se e uma direção a partir da qual mover-se. Sobre tal base, prossegue ele com suas preocupações e buscas. Mas ele tem igualmente um problema: ele se confronta com outras visões de mundo — o materialismo, que interpreta a vida em termos apenas do tangível; o romanticismo, onde se considera a Natureza como a mãe da realidade e a fonte da vitalidade; o humanismo, que julga tanto a beleza quanto a feiúra do Universo como podendo ser compreendidas e dominadas pela capacidade de transcendência, que contempla a existência e a não-existência como dois lados da mesma moeda em sua interminável jornada; e existem muitas outras visões de mundo.

Qual poderia ser o resultado de semelhante confronto? Nosso idealista pode desistir de sua vi-

são, modificá-la, redefini-la ou reafirmá-la — e, junto com ela, seu compromisso de fé. Efetivamente, a construção de uma visão de mundo e a constante referência a ela nos embates da vida é algo inescapável e necessário.

Isto nos conduz à mais importante questão que devemos formular-nos, na qualidade de cristãos. Se a deliberada construção de uma visão de mundo é tão essencial a um idealista, materialista, humanista ou marxista, quanto mais o é para o cristão, que apresenta ao mundo extraordinárias reivindicações sobre si mesmo e em relação ao Universo, tanto para o presente quanto para a eternidade!

Construindo Uma Visão de Mundo Cristã

O Novo Testamento não hesita um só momento no tocante à sua visão de mundo. A abertura do Evangelho de São João é um exemplo da abrangência e clareza com a qual os apóstolos formularam sua mundivisão cristã:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dEle, e sem Ele nada do que foi feito se fez... E o Verbo Se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a Sua glória, glória como do unigênito do Pai” (João 1:1 a 3 e 14).²

A visão de mundo centralizada em Cristo, que emerge dessa declaração confessional, é tão completa que não deixa qualquer dúvida quanto ao terreno sobre o qual o declarante está firmado.

E qual é o efeito final de uma tal visão de mundo? O apóstolo poderia dizer: sei quem eu sou, pois Cristo me iluminou; sei também o que vim a tornar-me: um filho de Deus; sei para onde estou indo — compartilharei de Sua plenitude, “graça após graça” (João 1:9-13 e 16).

O que a igreja primitiva viu por ocasião da vinda de Cristo foi, portanto, uma nova visão de mundo, e não apenas um aperfei-

çoamento do velho sistema clássico. Foi a confrontação entre dois reinos, entre duas visões de mundo. Observe os contrastes entre os dois: o sistema grego era governado por uma ontologia dualística, com a mente sendo vista como boa e a matéria como sendo ruim; uma epistemologia de racionalismo que interagiu continuamente com o mundo das idéias ou pensamentos; e uma ética originária da harmonia racionalística da Natureza.

A proclamação cristã, por outro lado, não reconhecia coisa alguma desta espécie. Rejeitou o esquema dualista e afirmou a natureza holística e a bondade essencial da criação divina. Sua antropologia projetou a humanidade como uma unidade, localizou o mal não no corpo, e sim na deliberada e voluntária escolha feita pela humanidade, e demarcou o mal como um interlúdio na história de Deus. O conceito cristão da realidade é, portanto, teocêntrico. Os evangelhos também proclamaram uma epistemologia da revelação: Deus falou (Hebreus 1:1) e nós ouvimos. Adicionalmente, houve a afirmação de uma ética enraizada em relacionamentos de amor, por Deus concedidos.

A responsabilidade especial do cristão, portanto, não é apenas apregoar sua dedicação a Cristo ou desafiar a inadequação dos sistemas humanos, mas também construir uma visão de mundo que é especificamente cristã, de modo a prover tanto um ponto de partida quanto um foco de convergência para o pensamento e ação humanos.

Sete Afirmações

Tal visão de mundo deve fluir do compromisso básico de fé com o evento e a pessoa de Jesus. Tendo como base este compromisso de fé, eu gostaria de sugerir sete afirmações básicas, as quais poderiam constituir a moldura da mundivisão cristã.

1. Deus é a realidade última. “No princípio... Deus...” (Gênesis 1:1). Aí repousa o ponto de partida de qualquer atividade do cristão. Uma vez que Deus é, eu

sou. Sem Ele, coisa alguma existiria. NEle vivemos, nos movemos e possuímos o nosso ser (Atos 17:28). Sob a perspectiva cristã, Deus é o centro e o ponto de referência para todas as formulações. Ele é o constituinte da realidade. Ele é a causa e o projetista da vida, e Suas atividades possuem estrutura, propósito e ordem. Ele é o ápice.

A perspectiva bíblica deixa claro que o Deus que Se encontra no centro da mundivisão cristã não é uma idéia, ou mente ou força distante, impessoal e absoluta. Ele é uma pessoa. Ele vive.³ Ele fala com a humanidade e mantém com ela o mais íntimo relacionamento possível.⁴ Ele planeja, logo os eventos históricos representam apenas acidentes desconexos, pois Deus sustenta os movimentos da vida em todas as suas complexidades.⁵ Ele tem cuidado. Ele vigia.⁶ Ele Se aflige com o curso do pecado na experiência humana.⁷ Ele Se regozija.⁸ Ele ama.⁹ Ele Se aborrece.¹⁰ Ele julga.¹¹

Se a personalidade de Deus provê à mundivisão cristã um alívio caloroso e intimamente vivenciável, a capacidade criadora de Deus provê um senso de realidade que é tanto último quanto infinito. “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gênesis 1:1). “No princípio era o Verbo... Todas as coisas foram feitas por Ele... Mas, a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no Seu nome” (João 1:1, 2 e 12).

A proclamação do Gênesis e o prólogo de João — a primeira apresentando os propósitos criadores de Deus e o segundo referindo-se ao processo redentivo em Cristo — mostram-nos que nenhuma visão de mundo pode responder satisfatoriamente as questões da vida, a menos que reconheça o Deus Criador-Redentor. A atividade criadora de Deus não apenas declara que Ele é a causa e origem de todas as coisas, mas também que Deus é distinto de Sua criação e ao mesmo tempo Se relaciona com ela.

Outra contribuição significativa da doutrina da criação à mun-

divisão cristã é uma compreensão autêntica da ecologia e da história. Uma vez que Deus é o Criador, a revelação bíblica sustenta consistentemente que na matéria nada existe de intrinsecamente mau, e que em a Natureza nada existe de sobrenatural.

2. Deus revelou-Se a Si mesmo à humanidade.

Falar de Deus como uma pessoa e criador, é reconhecê-Lo como um Deus que Se auto-revela. Os dados bíblicos argumentam que o Deus que criou o mundo pela palavra de Sua boca também decidiu revelar-Se através da palavra falada: "Deus falou" (Hebreus 1:1). "Toda Escritura é inspirada por Deus" (II Timóteo 3:16).

A visão de mundo cristã deve aceitar a Bíblia não apenas como parte da auto-revelação divina, mas também como instrumento de Deus para enriquecer e orientar os seres humanos em suas atividades de vida. Portanto, recebemos admoestações. Esta, de Jesus: "Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de Mim" (João 5:39). Agora, a de João: "Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Criador, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em Seu nome" (João 20:31). E ainda esta, de Paulo: A Palavra de Deus foi dada "para o ensino, para a compreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (II Timóteo 3:16 e 17).

Assim, vemos a Bíblia como a palavra e revelação de Deus, nos provê bases epistemológicas e éticas para a mundivisão cristã. A Bíblia não é uma enciclopédia divina, antes aborda os grandes temas da vida: Quem sou? De onde vim? Para onde vou? Qual o significado da história? O que ocorre por ocasião da morte? Como Deus Se relaciona comigo? De que modo devo relacionar-me com outros, e com o mundo em geral? A Bíblia tem algo a dizer diante de todas estas questões, e a mundivisão cristã deve levar tais respostas em consideração.

Se tanto a Natureza quanto as Escrituras revelam a Deus em termos majestosos e soberanos, a mais completa e final revelação do Ser divino ocorre através da pessoa de Jesus. A visão de mundo apresentada na Bíblia retrata-O como a revelação última de Deus. "Ele é imagem do Deus invisível" (Colossenses 1:15). "Ele... é o resplendor da glória e a expressão exata do Seu Ser" (Hebreus 1:3). Toda a plenitude da divindade habita nEle (Colossenses 1:19; 2:9). Contemplando-O, vemos a glória do Pai (João 12:45). Honrá-Lo é o mesmo que honrar o Pai (João 5:23). Recebê-Lo equivale a receber o Pai (Lucas 9:48). Ele revela a natureza de Deus (João 1:18), fala as palavras de Deus (João 3:33) e manifesta a glória de Deus (II Coríntios 4:6). Portanto, existe tanto uma certeza quanto uma finalidade na auto-revelação de Deus em Jesus.

3. Deus criou os seres humanos à Sua própria imagem.

A narrativa bíblica assegura que a humanidade não é um acidente cósmico e nem um paradigma evolucionário. A humanidade é resultado direto da vontade e propósito de Deus, e a coroa de Sua criação. A imagem de Deus — quadro central do registro do Gênesis — é a mais poderosa expressão da dignidade e singularidade da raça humana. Aqui jaz a resposta às questões básicas da visão de mundo: Quem sou? De onde vim?

O que efetivamente vem a ser a imagem de Deus, é algo que tem sido objeto de debate teológico ao longo da história, e numerosas identificações têm sido feitas: a racionalidade humana, individualidade, domínio, criatividade, moralidade, personalidade, e assim por diante.¹² Sem nos deixarmos distrair por estas distinções e disputas, é necessário destacar que a frase "imagem de Deus" de alguma forma coloca sobre homens e mulheres uma dignidade e valor únicos. Eles são matéria, mas situam-se acima dela; são criaturas, mas estão acima das demais; trazem sobre si a imagem de Deus, mas não são Deus; não apenas possuem cons-

ciência, mas têm consciência de sua consciência; eles podem permanecer no centro da existência e pesquisar o passado, o presente e o futuro; história, ação e esperança constituem parte de seus movimentos.

Quando a mundivisão cristã fala de seres humanos criados à imagem de Deus, ela avisa ao mundo que não é fácil aceitar qualquer noção de origem e natureza da humanidade, fora daquela que reconhece serem homens e mulheres verdadeiros filhos de Deus.

4. O pecado maculou a criação divina.

A visão de mundo cristã deve reconhecer não apenas a elevada posição que o relatório bíblico atribui aos seres humanos quando de sua criação, como também o baixo nível ao qual a humanidade desceu, como resultado do pecado. Tanto a dignidade quanto a depravação da raça humana constituem parte da antropologia bíblica.

O problema do mal é crítico na formação de uma visão de mundo cristã. Dor e morte se lançam sobre nós a partir de todos os lados. Porventura existem elas em virtude de um irreconciliável dualismo? A resposta bíblica é: NÃO. Ela declara, antes, que o pecado é um interlúdio na ordem de Deus, resultante da pretensão da criatura em independê-lo de Deus. A referida pretensão — que de modo algum se limita ao passado distante — é, na verdade, uma faceta do intento da criatura em tornar-se deus.

Sempre que o ser reivindica para si aquilo que não é, o mal reina. Tal desafio contra a vontade de Deus afasta a humanidade de íntimo e pessoal companheirismo com Deus, conduzindo à alienação. A alienação de Deus é a raiz da distorção de percepções, relacionamentos e valores. O resultado é que a humanidade vive um dilema caótico, confuso e desesperançado.

Dizer que os seres humanos são pecadores, significa que eles vo-

Continua na página 30

Formando uma visão de mundo

Continuação da página 8

luntariamente escolheram desobedecer à expressa vontade de Deus, e deliberadamente se rebelaram contra Ele. Conseqüentemente, toda a raça acha-se sob a influência do pecado. Isaías retrata um quadro horrendo da depravação humana: "Toda a cabeça está doente e todo o coração enfermo. Desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã" (Isaías 1:5 e 6). O significado é claro: toda a pessoa física, mental, espiritual e emocional — acha-se poluída pelo pecado, e junto com o ser humano a criação inteira geme sob o fardo do pecado (Romanos 8:22).

Assim, a humanidade depravada, o companheirismo estremecido e a natureza gemente parecem testemunhar conjuntamente da genuidade das palavras de C. S. Lewis: "Não existe território neutro no Universo; cada centímetro quadrado, cada fração de segundo, é reclamado por Deus e contra-reclamado por Satanás."

5. Deus está envolvido numa controvérsia com Satanás.

A questão da presença do maligno é significativa na montagem de uma mundivisão cristã. Do Gênesis ao Apocalipse, a Bíblia descreve um contínuo conflito entre os poderes do mal, liderados pelo demônio, e os poderes do bem, comandados por Deus. A Bíblia jamais subestima a existência e o papel desempenhado por Satanás em relação aos assuntos da história humana. De fato, ela retrata sua origem e rebelião contra Deus, e sua conseqüente expulsão do Céu (Lucas 10:18; Mateus 12:14), e seu destino último na aniquilação apocalíptica (Apocalipse 20:7 a 10).

Desde então, é a história dominada pelo conflito entre os dois reinos — o reino de Cristo e o reino do maligno. Este conflito provê um ponto vantajoso a partir do qual o cristão pode observar questões relacionadas com a vida, e extrair pelo menos duas lições: a primeira, que a questão central da grande controvérsia é

o caráter de Deus — podem o amor e a justiça coexistir na natureza de Deus? Seriam as expectativas que Ela mantém em relação à humanidade, injustas, arbitrárias e impossíveis de serem atendidas?

A segunda lição embutida na mundivisão cristã é o inevitável triunfo em direção ao qual a história está se encaminhando. Por esta razão, o conceito cíclico da história, que é inerentemente sem sentido, é estranho à visão de mundo da Bíblia. Ela percebe a história como linear, significativa, cheia de propósito e direcional, deslocando-se inexoravelmente rumo a seu final. Da criação à restauração, a teleologia domina a história, testificando que Deus é o Deus da história; a história é Sua obra, Sua vontade e Sua revelação.

Vistos desta forma, os variados eventos da história — confusos e caóticos, com o mal prosperando e o bem sofrendo, Nimrode e Hitler — assumirão novo significado. Conforme esboça o livro do Apocalipse, o alvo da história humana é chegar a seu fim teleológico: quando os reinos deste mundo se tornarem o reino de nosso Deus, quando forem universalmente reconhecidos a vontade, a soberania, a justiça e o amor de Deus, e quando os propósitos originais da criação divina forem estabelecidos em termos finais (Apocalipse 14:6 e 7).

6. Deus tomou a iniciativa na restauração da humanidade através da atividade redentiva de Cristo.

A vinda de Jesus não apenas constitui a forma final da auto-revelação de Deus, como também o modo divino de lidar com o problema do pecado e com o conflito entre os dois reinos. Assim, a encarnação é o terreno sobre o qual a mundivisão cristã pode falar a respeito da realidade e do significado da vida.

Cristo provê tanto forma quanto vitalidade à existência. A história encontra seu comentário, continuação e culminação nEle. Ele age como o árbitro da existência humana. Ele é definitivamente humano, ao mesmo tempo que Deus; portanto, é transcen-

dente e imanente, situando-Se acima da história e ainda assim sendo relevante para ela. Ele é um dentre os homens e o Redentor de todos eles.

Jesus é o homem da cruz e o Senhor da ressurreição, sendo tanto o desafiador da morte quanto o definidor da vida. No ato deste desafio e na proclamação desta definição, Jesus expôs ao Universo a verdadeira natureza do mal — um interlúdio, um ato de voluntária decisão contra a realidade divina, que finalmente levou à execração do Filho de Deus sobre a cruz cruel — e o verdadeiro significado da vida, nascida da cruz e confirmada pela tumba vazia.

Pelo ato da crucifixão e ressurreição, Deus não apenas reconciliou o mundo consigo mesmo (II Coríntios 5:19) e redimiu a humanidade da maldição do pecado (Gálatas 4:4-6), como também aniquilou o demônio na grande controvérsia. A triunfante conquista do iníquo e sua sorte última, são temas proeminentes no Novo Testamento (João 12:31-33; 14:30; Colossenses 2:15; Hebreus 2:14 e 15; Apocalipse 12:10 e 11), e são essenciais à compreensão da natureza teleológica e redentiva da mundivisão cristã.

7. Deus assegurou e executará a restauração final.

A visão de mundo cristã percebe o presente como um ínterim, e não a vê como sendo sem esperança ou destino. O foco consumativo da histórica bíblica é a Parousia. É o homem Cristo Jesus quem confrontará a presente era e tudo o que ela representa. Aquele que trouxe as boas novas da graça estará nos últimos dias na posição de quem pronunciará o julgamento de uma ordem decaída e rebelde. O momento apical da história entre o bem e o mal, testemunhará o derramamento da ira divina contra toda e qualquer expressão de hostilidade contra Deus. A purificação pelo fogo é descrita em termos de fogo que derrete os elementos e limpa inteiramente a Terra (II Pedro 3:10-13).

A partir desta purificação apocalíptica surgirá o cumprimento da promessa de Deus: "Eis que

crio novos céus e nova terra” (Isaías 65:17). O cosmo emergente não é uma criação ex-nihilo, e sim um cosmo em harmonia com os eternos propósitos de Deus, preparado para ser o lar dos redimidos, sem qualquer sinal ou evidência da desfigurada história do homem.

A esperança contida nesta espécie de restauração, oferece ao ponto de vista cristão sobre o mundo, tanto direção quanto propósito. A antecipação ordena ao cristão olhar para além do presente, a buscar otimismo em meio à desesperança, a jamais desistir quando as respostas não estiverem facilmente disponíveis, e a acariciar a esperança de que as portas do aprendizado jamais se fecharão.

Conclusão

A visão de mundo é uma construção — uma construção de perspectiva acerca da vida e suas discussões quanto a temas da realidade, verdade, ética e história; uma construção confessional que provê um ponto de partida, um sentido de direção, um local de destino e uma estratégia de unidade; é assim uma construção eivada de propósito a fim de atender as necessidades básicas da vida e da ação humanas.

Oferecida esta definição, para que possa encontrar significado para a existência e o destino, os cristãos devem certificar-se de sua mundivisão. Necessitam possuir não apenas uma atitude teocêntrica, como também um comprometimento de fé para com esta visão de mundo. Tal comprometimento não necessita ser uma fonte de embaraço ou de apologias. Todas as pessoas agem desta forma, e é essencial que os cristãos encontrem sua âncora de certeza a partir do compromisso de fé em Cristo, em quem é revelada a base para a mundivisão bíblica.

Tal visão de mundo deve iniciar com a realidade de Deus, que Se situa soberano acima de toda a criação e ao mesmo tempo Se relaciona com as criaturas. Temos ainda de considerar que nem tudo está bem com este mundo: o problema do pecado e a presença do maligno desafiam seriamente o caráter de Deus, a natureza de

Seu reino e a existência da humanidade. Um conflito é travado entre o bem e o mal, tanto na pessoa humana quanto na história, e Deus decidiu explicitar a natureza deste conflito, lidar com os assuntos da controvérsia, prover à humanidade uma possibilidade de redenção, e direcionar a história rumo ao inevitável triunfo, que conduzirá à restauração de Seus propósitos criadores. O método escolhido por Deus para a realização deste propósito é Cristo. Portanto, Deus em Cristo veio a tornar-Se o ponto central de referência da visão de mundo do cristianismo.

NOTAS

1. Brian Walsh e Richard Middleton, *The Transforming Vision: Shaping a Christian Worldview* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1984), página 35.
2. Todas as citações bíblicas do presente artigo foram extraídas da Versão Almeida Revista e Atualizada.
3. Deuteronomio 5:26; Josué 3:10; Isaías 37:4; Jeremias 10:10; Mateus 16:16; Romanos 9:26; II Coríntios 6:16; Apocalipse 7:2.
4. Gênesis 2:16; 17:1-3; Êxodo 29:42; 33:9-11; Deuteronomio 5:4, 24 e 27; Salmo 85:8; Isaías 52:6; Hebreus 12:25.
5. Gênesis 50:20; Jô 1:12; Salmo 40:17; Provérbios 16:9; Isaías 46:11; Jeremias 26:3; Romanos 8:28; II Timóteo 1:9; I João 3:8.
6. Mateus 6:26; 28-30; I Pedro 5:7; Êxodo 22:21-27; 23:9; I Reis 19:5-7.
7. Gênesis 6:6; Salmo 95:10; I Coríntios 10:5.
8. Salmo 69:30 e 31; Provérbios 16:7; Hebreus 11:5; I Reis 3:10; I Tessalonicenses 4:1; II Timóteo 2:4.
9. I João 3:16; 4:16; Salmo 91:14; Êxodo 34:6 e 7; Jeremias 32:18; Isaías 63:7.
10. Salmo 7:11; 79:5; 80:4; 85:5.
11. Gênesis 18:25; Salmo 50:6; 75:7; Atos 10:42; Romanos 2:16; 3:6.
12. Veja Owen L. Hughes, “A Christian View of Human Personality”, *Dialogue*, vol. 1, n.º 2 (1989), páginas 12-14 e 19.

John M. Fowler (Ed. D., Andrews University) é diretor de educação da Divisão Sul-Asiática, sediada em Hosur, Tamil Nadu, Índia. Este artigo é um resumo de um ensaio mais amplo sobre o assunto, preparado pelo autor durante seminário patrocinado pelo Institute for Christian Teaching.